

Objetificação e subjetificação: a representação feminina nos contos de Luci Collin

ANDIARA MAXIMIANO DE MOURA

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura de Autoria Feminina Brasileira – LAFEB”, da UEM, e do “Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea”, da UnB.
e-mail: andiara_max19@hotmail.com

A literatura é uma forma fictícia de representar, através de seus personagens, a sociedade em questão, ora saciando os desejos implícitos do ser humano, ora criticando as formas de pensar / agir da sociedade. Dessa forma, vivemos na pós-modernidade - aqui compreendida com um conceito ideológico amplo, ancorado na infraestrutura industrial e na globalização, descrevendo expressões populares, comunicações de massa e manifestações em geral - que rejeita as totalidades, os valores universais, as grandes narrativas e os sólidos fundamentos, para dar espaço ao relativismo cultural, ao pluralismo, à descontinuidade e à heterogeneidade (Eagleton, 2010, p. 27). No que concerne aos estudos de gênero, esse movimento de pensamento contemporâneo tem ocasionado novas configurações para as relações entre os sexos, integrando a mulher em uma nova ordem social e econômica.

A literatura de autoria feminina vem emergindo nesse contexto, propiciando uma subversão nos padrões que regiam a sociedade até então, pois, além de dizer algo, ela também pode falar de outrem. Tendo isso em vista, o objetivo destas reflexões foi fazer uma análise dos contos “As frases de renda” e “Essência”, da coletânea de contos da autora paranaense Luci Collin, intitulada *Inescritos*. Verificar quais marcas ideológicas subjazem à construção desses personagens, quais se reduplicam, questionam ou ironizam as relações do gênero, no contexto do século XXI, foi o nosso objetivo. Trata-se de observar o modo como a autora vê e representa a questão do gênero, ou seja, o comportamento do homem e da mulher na sociedade contemporânea. Para tanto, esta pesquisa está fundamentada em teóricos da pós-modernidade, bem como pela crítica literária feminista, entre outros que discutem sobre a questão e a problematização do gênero, da representação e da dominação masculina.

No meio social, a divisão dos sexos foi aceita por um determinismo biológico implícito, em que os termos do sexo, da diferença sexual, ou até mesmo da sexualidade foram usados para avaliar e criar supostas concepções/colocações. Essa divisão também foi posta como algo que está na “ordem natural das coisas”, que é “normal”, “a ponto de ser inevitável”, por sempre estar presente no nosso mundo social, pelo fato de o homem ser sexualmente diferente da mulher (Bourdieu, 2005, p. 17). Assim, a diferença sexual foi

decisiva em todo o âmbito social, intelectual, político e histórico. Nessa divisão hierárquica e oposta das atividades masculinas e femininas, a mulher automaticamente ocupa a posição de rebaixamento.

Ao construir a ideologia patriarcal, o homem determinou posições do gênero, instaurando-se a si mesmo como ponto de referência e posicionando a mulher em um nível de rebaixamento, como sujeito objetificado e subordinado, pois ela era o diferente, o inferior. Essa hierarquia de poder, em que o mais forte domina o mais fraco, existe em todo meio social, funcionando como sistema classificatório; no entanto, claro está que a dominação masculina não é algo natural, que tenha havido desde o início da existência humana, mas sim, uma categoria construída a partir do ponto de vista do dominador, para enfatizar as relações de poder como algo a ser perpetuado por meio das representações de identidades construídas.

As discussões contemporâneas acerca da representação, empreendidas por historiadores, sociólogos e filósofos, caminham quase sempre no sentido de perscrutar as implicações de poder e de dominação que a permeiam. O sociólogo Pierre Bourdieu (1998) abaliza que uma das principais problemáticas que abrangem a questão da representação se encontra nas imposições e nas lutas pelo monopólio da visão autêntica do mundo social. Isto é, a representação de uma identidade ou coisa redonda, quase sempre, na aparência dela, já que esconde configurações múltiplas, de acordo com os interesses de quem representa, construindo, assim, realidades contraditórias.

Já para o historiador francês Roger Chartier (1990), representar significa dar visibilidade ao outro e, ao mesmo tempo, falar em nome de outro. Trata-se, assim, de empreender dois sentidos aparentemente contraditórios para o conceito de representação: "instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é" (p. 10). Se o primeiro sentido do termo está relacionado à ideia de falar em nome do outro, o segundo remete à exposição de uma presença ou ao processo de dar visibilidade ao outro. Isto implica dizer que o primeiro sentido volta-se a representações de vozes hegemônicas que ocultam a diferença, enquanto o segundo sentido volta-se para a exposição destas diferenças. Assim, ao mesmo tempo em que a representação pode ocultar a diferença, ela também pode torná-la visível. É nesse segundo sentido que a hipótese que embasa o presente trabalho está assentada, uma vez que, ao perscrutar o modo de representação da personagem na contística de Luci Collin, acreditamos que a personagem feminina que a constitui torna visíveis as práticas sociais e perfis de mulher recorrentes na sociedade contemporânea, de acordo com o modo como a autora vê o mundo e as coisas que nele se encontram.

Ao conceituar o discurso, relacionado com o desejo e o poder, o filósofo francês Michel Foucault (2001) nos explicita o modo como as "verdades" são construídas, permeando os limites entre o real e a ficção, permitindo a análise da representação dos seres e das coisas pela linguagem. As práticas discursivas e os poderes que as permeiam ligam-se a uma ordem imposta, assegurando a uns o direito de falar, enquanto outros são silenciados. O sujeito que fala é permeado de poder, devido ao lugar que ocupa na sociedade, de acordo com sua classe, raça, referentes, sexualidade, que o definem como o centro. No âmbito da arte literária não era diferente. Até meados do século passado, os discursos dominantes, originários de visões androcêntricas, vinham de espaços privilegiados de

expressão, silenciando menores.

Na história, foi somente em meados do século XX que toda esta discriminação feminina chamou a atenção de muitos estudiosos e intelectuais em geral, que passaram a atuar como agentes de um discurso crítico, voltado para a conscientização e desconstrução da opressão e marginalização da mulher.

A Crítica Feminista facilitou a visibilidade da literatura feminina. A mulher passou a ser vista não apenas como uma personagem que compunha a literatura masculina, mas também como participante na produção crítica e literária. A posição marginalizada da mulher ainda chama muito a atenção das mulheres contemporâneas, que, nos últimos anos, tentam construir identidades femininas extinguidas.

No que diz respeito ao objeto de pesquisa deste trabalho, a coletânea de contos *Inescritos* foi publicada em 2004, e pode-se perceber que nela Luci Collin¹ trabalha com as diversas posições da mulher do século XXI, mostrando em suas personagens a multiplicidade de identidades femininas que compõem a sociedade contemporânea. Já os contos “As frases de renda” e “Essência” apresentarão duas personagens que representam identidades femininas que divergem entre si, apresentando personagens objetificadas e subjetificadas.

O conto “As frases de renda” aborda temas relacionados às práticas sexuais, em que a figura masculina assume uma postura de dominação, representando, dessa forma, uma personagem objetificada. A narrativa nos é exposta por duas narradoras: uma autodiegética e outra heterodiegética. A passagem da primeira pessoa – situação privada, única – para a terceira pessoa pode ser entendida como uma transformação de uma situação privada para a coletiva, pública, universal, fazendo com que cada situação feminina vivenciada particularmente seja a mesma vivenciada por grande parte das mulheres do mundo todo.

O conto problematiza uma relação sexual entre um homem e uma mulher, em que o homem, segundo a visão patriarcal, é o dominador, aquele que detém o poder, em contraposição à mulher - submissa, sem vontade própria e objeto de desejo masculino.

A trama se inicia com a protagonista problematizando o relacionamento afetivo-amoroso com o parceiro, levando em consideração uma amarga consciência da distância que o separa de seu universo feminino. “Queria lhe entregar segredos, frases feito uma renda, mas ele tinha pressa queria a maciez das coxas e nem sutilmente; queria era sua própria vitória sobre aquele complexo menor que era eu” (Collin, 2004, p. 87). As tais “frases de renda” podem ser consideradas metáforas de algumas delicadezas do desejo da mulher, como o de ser conhecida totalmente pelo seu parceiro, levando em consideração

¹ A escritora Luci Collin é uma das autoras de maior destaque no Paraná. A escritora publicou coletâneas de poesias, contos e um romance. De uma forma peculiar, sua poesia é marcada pela dificuldade (palavras raras) que, em vez de tornar o texto impenetrante, traz a atração pela dificuldade, já que indica que existe algo admirável atrás dela, algo que precisa ser decifrado para que a clareza transpareça. Sua ficção chama a atenção da crítica literária pelas opções estéticas de representar e ilustrar alguns dos mais significativos códigos estéticos e ideológicos da pós-modernidade. Suas narrativas curtas se afastam de narrativas mestras totalizadas e capazes de representar verdades pretensamente absolutas sobre o universo, fazendo com que seus contos pareçam estar na dúvida acerca das noções tradicionais de verdade e objetividade.

suas emoções e seus desejos íntimos. Tal conhecimento é mais relacionado ao interior do que ao corpo, por isso o ato sexual entre ambos é descrito como algo incompreendido, dando à mulher a impressão de lhe terem “assaltado” o corpo.

A linguagem utilizada pela autora na maioria dos contos é muito fragmentada. Já em "As frases de renda", a construção sintática é bem acentuada. As frases são bem elaboradas, com a presença bem aplicada da pontuação, remetendo o/a leitor/a a pensar em uma determinada ordem ou equilíbrio da personagem. Se levarmos em consideração que a mulher descrita no conto, protagonista da história, afirma que "não há lembranças precisas" do ato de dominação masculina, já que esta se realiza há muitos anos, parece que a narradora remete a um determinado conformismo, submissão e aceitação da situação na qual se encontra. Assim, a delicadeza de seu corpo e o sentimentalismo, juntamente com a sua conformidade para com a situação, também podem ser visíveis e comprovados na construção linguística escolhida pela escritora.

Conforme o ato é descrito, peculiaridades tanto masculinas quanto femininas são descritas. O homem se caracteriza pela virilidade, força e domínio, da mesma forma que o ato sexual vivenciado por ele é descrito de forma animal, já que os animais se relacionam por instinto:

Ele um sábio e ele um leão faminto tomava as partes inocentes do corpo da fêmea. [...] o corpo, aquele grande corpo de homem, gigante, maior, imenso, sobre o seu. [...] ele as carícias precipitadas, nos olhos uma fome como nunca vira. [...] Eram as mãos apressadas que procuravam no escuro o prazer imediato e negavam o cuidado. [...] O homem quase chora. É como um animal. [...] Ele procede discurso sem voz ele tomba ao seu lado e agora dorme com uma cara de pássaro leão satisfeito (Collin, 2004, p. 87 e 88).

A animalização masculina é utilizada pelo narrador para remeter ao modo como o homem resolve sua sexualidade, reafirmando sua falta de sentimento na prática do sexo. É como se durante este relacionamento corporal o homem/macho estivesse, como todos os outros animais, demarcando o seu território, lugar de poder/dominação.

Diferentemente do homem, é descrita a mulher em termos de emoção, de inocência, de delicadeza, de sensibilidade, o avesso, portanto, do apelo carnal masculino:

Pretensamente menina, desde que o vira era a mulher mais antiga, a mais hábil a que então desejava carícias inexpríveis e ele um sábio e ele um leão faminto tomava as partes inocentes do corpo da fêmea e as transformava em chamas irreversíveis em espirais impagáveis. (...) Infilosófico. Árido. Irrecusável. [...] ela quebradiça, delicada, única (Collin, 2004, p. 87 e 88).

Assim, acaba por se configurar como o alimento masculino, objeto que sacia os seus desejos. Sua fragilidade é intensificada, principalmente, para demonstrar e reafirmar a força masculina.

É no ato sexual, marcado pela dominação masculina, que as frases de renda (objeto de desejo feminino) se despedaçam, por serem impróprias, por ficarem esquecidas e

envelhecidas, tão contrárias são aos interesses do homem. Daí a mulher afirmar que após o ato não há lembranças, como se nada houvesse para ser lembrado, exceto a fúria de seu "corpo aquele grande corpo de homem, gigante, maior, imenso, sobre o seu. Infilosófico. Árido. Irrecusável" (Collin, 2004, p. 87). Sendo assim, ou seja, referindo-se ao homem com adjetivos de cunho semântico negativo e, outras vezes, positivo, a narradora protagonista parece dividida entre repelir e desejar a situação que se lhe impõe. Se ele é "infilosófico" no sentido de ignorar "frases de renda", é também "irrecusável", ou seja, ela não pode prescindir dele. E, talvez, da sua fúria.

O ato acontece em escuro abafado, em um sótão esquecido, como marca de desinteresse de compreensão, de permanência no anonimato. "É aquela hora mal vestida, onde a ausência total de ponteiros sacramentará a união entre força e fraqueza, fome e comida, mínimo e imenso" (Collin, 2004, p. 88). É nesse momento escuro, de falta de discernimento, que o "assalto ao corpo feminino" acontece. É em um período de escuridão que se fazem presentes as oposições homólogas às do período patriarcal apontadas por Bourdieu (2005), em que o homem sempre está em posição de vantagem ("força", "fome" e "imenso") em contraponto à mulher, em desvantagem ("fraqueza", "comida" e "mínimo").

Bhabha (1998) problematiza a falta de forças para uma subversão feminina perante as mazelas patriarcais. Essa incapacidade é observada no final do conto quando a mulher reconhece não ter forças para se fazer ouvir / compreender. É como se se rendesse ao processo de dominação.

Ela aprende. Afasta a cabeça que lhe pesa sobre o ombro. Empurra. Analisa o contorno. Ri de si debilmente e então se abre profundo sorriso de égua sem cerimônia, ré que em si configura o absolúvel.

O intenso branco toma conta dos sentidos e já não se formula roteiros sustentáveis. O homem assaltara o seu corpo é o que ela pensa. Nem pensasse: ele apenas tomando o que com certeza sempre fosse tão somente seu (Collin, 2004, p. 88).

A representação da imagem humana de menina/mulher, presente no início do conto, passa a ser, no final, animalizada na figura de uma égua. É como se, a partir do momento em que a mulher se rendesse aos padrões masculinos de desejo, sua imagem passasse a espelhar a masculina. Uma espécie de aceitação e/ou resignação que, todavia, é matizada de certas nuances de prazer. As "frases de renda" são confrontadas com a praticidade do desejo masculino, mas, ao final, absorvidas. Prevalece o desejo. Dessa forma, é possível perceber que Luci Collin representa os conflitos femininos objetificados como consequência da falta de poder feminino para o revide.

O outro conto, construído por uma narradora autodiegética, que tematiza a questão da fragmentação identitária da mulher é "Essência". Nesse conto, é possível observarmos a representação de uma personagem subjetificada. A narradora-protagonista experimenta assumir identidades múltiplas, as quais são caracterizadas conforme vai relatando as opções dos vestidos de que dispõe para usar na festa para a qual se prepara. Assim, a cada cor e modelo de vestido ela vai associando um possível perfil, com a correspondente profissão, marido, personalidade, comportamento, classe social, etc.

A primeira identidade projetada e representada, "Gisela Eloah", surgida do ves-

tido verde, remete a uma “mulher decidida, com três filhos, de pais diferentes, claro. Serei escultora, ou melhor, administro os bens de papai. [...] Filhos, será? Ainda mais três! Ah, muito cansativo... não, o verde me obrigaria a ser decidida demais...” (Collin, 2004, p. 133). Trata-se de uma figura feminina talhada segundo os modelos contemporâneos, capazes de decidir o futuro; em sua linguagem mais coloquial, representa ser uma figura despreocupada em relação aos padrões preestabelecidos, inconstante, mas empenhada em assumir suas escolhas.

Já Margareth resultaria do vestido rosa ou, posteriormente, azul-cobalto, devido à sua troca de personalidade - de casta para uma beleza (tanto interna quanto externa) superficial.

As duas construções dos perfis de Margareth são distintas entre si: “Sou um encanto! Todas me invejam. Pela voz suave saberão que sou viúva de um eminente professor de História Antiga. [...] castíssima! Ah, não, castíssima nunca! Não serei viúva!” (Collin, 2004, p. 133). A primeira, que se incorpora ao vestido rosa, é uma mulher delicada, casta, viúva, inteligente para determinados patamares sociais, como o das mulheres lindas mas fúteis, que não dizem palavras de um significado considerável para o meio intelectual. Este fato pode ser comprovado pelo uso dos superlativos e dos adjetivos voltados a ela que não remetem a um conhecimento intelectual próprio, mas sim, a um conhecimento de aparência. A protagonista, no entanto, ao ponderar as suas escolhas, chama a si a responsabilidade de ser o que é, independentemente do ponto de vista da sociedade em questão. Essa pluralidade de perfis femininos, ou de trocas de personalidade, retoma o direito de escolha feminino, estudado pela crítica literária feminista, baseada nas conquistas feministas do século XX.

Com a construção dessa personagem, a autora troca-lhe a cor do vestido para o azul-cobalto, sugerindo não desejar assemelhar-se a identidades femininas submetidas aos padrões de dominação masculina. Ainda, como Margareth: “terei a maneira de sentar delicadamente ensaiada. Estudarei em Paris e obviamente em Leningrado. [...] Admirarão minha coragem em esbarrar no ridículo. Isso comoverá as senhoras da Liga” (Collin, 2004, p. 134). A nova cor parece apontar para o desejo de desempenhar um papel de mulher “importante”, ou seja, esposa de político corrupto, o que, de fato, remete à mulher “objeto de decoração” ou “enfeite”, sem maiores funções. Essa personagem, embora contemporânea, traz uma mistura de perfis femininos representados pelo passar dos anos. Sua linguagem delicada, composta por construções sintáticas em ordem direta (seguindo o esquema de sujeito, verbo e predicado), não passa de frases vazias, focadas mais em sua aparência que em sua essência. Ela se diz importante, estudada, no entanto vai contra sua própria imagem de mulher subjetificada, pois continua representando uma mulher objetificada, baseada na imagem machista, que preza a forma física em preferência à intelectualidade.

A terceira construção de personagem é a de Leodegária, apelidada de Leo. Esta vestirá um vestido amarelo e terá um enorme encanto interior:

Melhor usar o amarelo, mais simples, assim passarei por secretária de um advogado qualquer, desses com plaquinha na porta do escritório num sétimo andar de prédio comercial. [...] Terei modos pouco requintados. Gafe absoluta: [...] À mesa, por certo, não saberei usar talheres adequados. (...) Sou extremamente versátil, desinibida. Tenho um enorme encanto

interior, uma chama... fruto de minhas leituras – leituras de anos – de romances baratos selecionadíssimos. Meu nome será Leodegária, que combinará com a gargantinha turquesa – falsa, evidentemente (Collin, 2004, p. 134).

Leodegária é a representação da mulher de classe média – neste caso, uma secretária –, sem muita classe e de poucas posses, que encanta, que é autêntica. Escolher ser uma secretária de um advogado "qualquer", ter modos poucos "requintados", ser uma "gafe absoluta", ser "versátil" e "desinibida", ter leituras de "romances baratos selecionadíssimos", pode ser compreendido como um revide, ou mesmo uma contradição aos outros perfis femininos construídos pela narradora, o que se entende como uma das possibilidades de ser e existir fora dos padrões dominantes da esfera patriarcal.

Já Ludmila S., surgida do vestido lilás, segue o perfil de Leodegária e remete a uma mulher mais intelectualizada, despojada e constrangedora. Somada sua personalidade à sua forma de se vestir e de se portar, ela parece contestar as figuras femininas talhadas pelo patriarcalismo - marcadas pela discrição e pela habilidade em não incomodar:

Direi que toco harpa divinamente e ninguém poderá comprovar porque nunca há uma harpa dando sopa num cantinho. (...) Conhecerei licores em profundidade mas beberei apenas soda. A anfitriã sofrerá por não ter soda nenhuma naquele recinto. Meu sorriso, enigmático (Collin, 2004, p. 134).

O excerto trata da dualidade feminina de ser x parecer. Ao mesmo tempo que esta personagem diz ser uma mulher intelectualizada, esta intelectualidade nunca será contestada ou provada, já que suas escolhas são sempre por objetos precários. Por mais que seu discurso esteja ancorado em um requinte feminino, marcas de uma tradição ideológica patriarcal, suas ações demonstram o contrário, ao não demonstrar que sabe tocar harpa ou ao pedir por soda.

Com um vestido preto, seria Theresa Eimée uma mulher misteriosa e intelectualizada, cujo conhecimento abrange desde literatura, passando por idiomas desconhecidos, culinária tribal, até chegar à Biologia, construindo, assim, um perfil de mulher de amplo conhecimento, autêntica e de vontades próprias. "Saberei de cor os mais belos trechos da grande literatura eslava na Renascença. [...] falarei cinco idiomas desconhecidos, dialetos, socioletos, pidgins [...]. Abandonada é dilacerante e combina muito com o preto!" (Collin, 2004, p. 136 e 137). Todo esse intelecto se deve a um grande desapontamento amoroso, remetendo à construção de identidades femininas que se apegam à vida profissional para completar vazios emocionais. O interessante de Theresa Eimée é que, por usar o vestido preto, que remete a ausência das cores, percebe-se que sua vida também é uma ausência de sentidos, já que traz marcas muito fortes de um desapontamento amoroso, bem como sua profissão, que é permeada por pesquisas sem utilidade: "literatura eslava na Renascença", "idiomas desconhecidos". É como se a personagem preenchesse o seu tempo com atividades sem importância, pois a sua vida sem o amor também se transformou dessa forma.

Ao final do conto, depois de ter feito toda essa idealização da multiplicidade das

identidades contemporâneas, ironicamente, a personagem decide vestir o verde, opção inicial; mas o faz trazendo uma nova angústia: “Agora só falta escolher o perfume” (Collin, 2004, p. 137). O conto leva o título “Essência”, sugerindo discutir e problematizar a essência feminina contemporânea, inexistente, afinal. Essa heterogeneidade de identidades femininas faz parte do sujeito fragmentado e em crise apontado por Hall (2003) e por Bauman (2004), típico da pós-modernidade. Em contraponto, parece negar a essencialidade feminina presumida pela tradição patriarcal, em que a mulher é frágil, dócil, maternal e submissa, construindo assim, e dando a ela, a possibilidade de multiplicar os perfis femininos da esfera contemporânea.

Segundo os apontamentos apresentados, podemos concluir que a representação da personagem feminina objetificada é caracterizada como protótipo de mulheres que, em alguma medida, dialogam com a ideologia patriarcal, tal qual Bourdieu (2005) assevera, e definida pelo silenciamento, pela objetificação e pela resignação.

Os conflitos femininos da personagem objetificada baseiam-se na falta de poder de revide, tendo ela que se render às mazelas da classe dominante. No entanto, diferente da literatura tradicional, em que a personagem feminina não tinha voz para se expressar, os contos de Luci Collin já trazem essa subversão feminina. Ao ter o poder de se expressar por meio da linguagem, a personagem feminina promove um desnudamento da dominação masculina no campo social e doméstico. Por mais que se achem objetificadas, as mulheres tentam se encontrar como seres humanos, buscando compreender os seus sentimentos, seu próprio corpo, seus conflitos, dando voz a suas inquietações, explicitando, por meio do discurso, todo o seu universo feminino. Sendo assim, a ênfase recai não no modo como as personagens resolvem seus conflitos, mas na impossibilidade de esses conflitos serem solucionados, dada a força coercitiva do sistema, do “hábitus” (Bourdieu, 2005), que lhes serve de alicerce.

Já a trajetória da personagem feminina subjetificada demonstra que as concepções ideológicas que subjazem ao modo como ela fora construída apontam para a revisão dos valores patriarcais, em que no lugar da mulher objetificada e/ou silenciada, afloram sujeitos livres de classificações hierarquizadas de gênero. Daí se ressalta que o modo de representação da mulher na contística de Luci Collin retoma, na medida em que o atualiza, no universo ficcional, o modo de estar da mulher na realidade extraliterária. Se aí ainda não é rara a presença de mulheres-objeto, a despeito das conquistas empreendidas pelo movimento feminista, muito já se tem conquistado. Não é utópico, portanto, imaginar que, em meio à heterogeneidade de perfis femininos que povoam o mundo contemporâneo, são mais adequados e pertinentes aqueles de mulheres com direito à voz e à vez.

Se, por vezes, desfilam por aí personagens enfeixadas, ou personagens femininas objetificadas, muitas vezes beirando o extremo da caricatura de modelos patriarcais, claro está que se trata de uma estratégia de representação que, por meio do arranjo textual assentado na ironia, põe na berlinda certo tipo de relações de gênero e de perfis femininos que certamente pretende refutar. A representação em si das situações analisadas já se constitui como crítica às ideologias calcadas na opressão.

Sendo assim, só na aparência a escritora reduplica padrões de representação tradicionais de gênero, por meio da construção de personagens semelhantes àquelas que passeiam na ficção que constitui o cânone literário, seja o nacional, seja de forma mais

abrangente, o ocidental.

Uma leitura mais atenta dos interstícios das frases, dos não ditos, das ironias e sarcasmos que avultam no texto, certamente, vai mostrar a maneira crítica e comprometida com que a escritora transpõe para a cena literária as práticas sociais de homens e mulheres inseridos na sociedade contemporânea. O modo de representação das relações de gênero na contística de Luci Collin e, especialmente, da personagem feminina, antes de se configurar como reduplicação da tradição patriarcal, certamente se configura, conforme os termos de Chartier (1990), como exibição de uma presença, ou seja, processo pelo qual a escritora dá visibilidade ao outro, que, nesse caso, é a mulher, mostrando-o e desnudando-o.

Essa forma com que Luci Collin vê, interpreta e representa as relações de gênero e o universo feminino, no fim, veicula as conquistas da mulher no decorrer das últimas décadas. Considerando que, conforme Lauretis (1994), representar é construir, tal modo de representação concorre para com a legitimação da ocupação da mulher nos espaços sociais que, antes, lhe eram cerceados, embora também lhe pertencessem.

A mulher, a partir da sua escrita, pode, portanto, contribuir para a criação de uma nova configuração da sociedade contemporânea, em que ela tenha a liberdade de se expressar e escolher os seus próprios caminhos sem que lhe sejam impostos o caminho a trilhar ou os papéis a representar, desconstruindo, assim, concepções patriarcalistas cristalizadas no transcorrer dos tempos e, por outro lado, construindo, à revelia das normas estabelecidas, identidades femininas outras e, com isso, redefinindo o que vem a ser a/as *mulher/es*. É o que, certamente, faz Luci Collin.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- Bhabha, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- Bourdieu, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli et al. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- Chartier, R. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- Collin, L. *Inescritos*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.
- Eagleton, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. 2 ed. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- Foucault, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7 ed. São Paulo:

Edições Loyola, 2001.

Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Lauretis, T. "A tecnologia do gênero", in: HOLLANDA, H. B. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

Artigo recebido em 29/09/2016; aceito para publicação em 25/10/2016

RESUMO: Devido à tradição patriarcal, as relações sociais foram construídas de modo a fazer com que a mulher acreditasse na naturalização da dominação masculina. Assim, os primeiros textos escritos por mulheres no Brasil apontam para imagens femininas submissas e marginalizadas. Já a literatura de autoria feminina contemporânea questiona esta posição subjugada da mulher. Ancorado nos pressupostos teóricos da crítica literária feminista, essa pesquisa tem por objetivo analisar os contos "As frases de renda" e "Essência", da coletânea de contos da autora paranaense Luci Collin, intitulada *Inescritos* (2004), levando em consideração como se dá a caracterização das personagens que atuam como construtoras de identidades nos contos da escritora paranaense, pondo em pauta as indagações e problematizações do que vem a ser a categoria *mulher* em pleno século XXI. Busca-se, sobretudo, verificar o modo como a autora vê e representa a questão do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina; gênero; poder; Luci Collin.

ABSTRACT: Due to patriarchal tradition, social relations were built so as to make women believe that male domination is natural. This way, the first works written by women in Brazil point to submissive and marginalized female images. But the contemporary female literature authors question this subjugated position of women. Anchored in the theoretical assumptions of Feministic Literature Criticism, this research aims to analyze the short-stories "As frases de renda" and "Essência", from a short-stories collection called *Inescritos* (2004) by Luci Collin, a writer from Paraná. The paper observes how is the characterization of the characters that act as identity construction in the writer, showing the inquiries and problems of what is to be a woman in the 21st century. We try, above all, to investigate how the author sees and represents the matter of gender.

KEY-WORDS: Female representation; gender; power; Luci Collin.